

Levinas e os Caminhos da Filosofia

RESUMO

Para Emmanuel Levinas (1906 – 1995), a filosofia, assim como, as ciências podem caracterizar-se pela busca da verdade, todavia, mesmo sendo uma caracterização ampla e, de início, vazia, esta busca pode tomar dois caminhos: o primeiro caminho é aquele em que a verdade está estreitamente ligada à experiência. Aquele que pensa mantém na verdade uma relação com aquilo que é distinto dele, verdade implica uma relação com a exterioridade, com a transcendência, com o estranho. Contudo, verdade significa também a investigação livre por parte do ser pensante onde este não encontra qualquer restrição enquanto liberdade de investigação. Essa liberdade é o próprio exercício de negação do outro, um não alienar-se em seu movimento, pois, o contato com uma realidade outra não impede sua marcha. Destarte, a busca da verdade como exercício da liberdade pode ser entendido como a marcha da autonomia, caminhada do mesmo. A filosofia não seria outra coisa senão essa caminhada de apropriação do ser pelo homem no decorrer da história. Dito isso, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a escolha que a filosofia fez, ou seja, que esta pendeu, na maior parte de seu percurso, para a defesa da liberdade e, conseqüentemente, para o mesmo, proclamando, assim, a anterioridade da autonomia em detrimento da heteronomia: a “violência” e a apropriação estariam justificadas.

Palavras-chave: Verdade; Autonomia; Heteronomia; Ética.

ABSTRACT

To Emmanuel Levinas (1906 – 1995), philosophy, as well as sciences, may be represented by the pursuit of truth; however it's a wild representation and empty at first. Such pursuit may take two paths: the first is the one the truth is closely attended with experience. Who thinks keeps, in truth, a relationship with what is different from him. Truth involves relationship with exteriority, with transcendence and with the other. However, truth means a free investigation on the part of the thinker, who does not find any limitations of inquiring. Such truth is the practice of denying the other itself, not been alienated in its own movement, for the contact with the other's reality does not prevent its progress. From this, the pursuit of truth, as a practice of freedom, may be understood as a walk of the autonomy, its own walk. Philosophy could not be other than that walk of appropriation of existence by the man, along the history. Said that, the purpose of this work is to discourse about the choice the philosophy made, it is, lost most part of its journey in benefit of the defense of liberty and, consequently, of itself, proclaiming the anteriority of autonomy to the detriment of heteronomy: “violence” and appropriation would be explained.

Key words: Truth; Autonomy; Heteronomy; Ethics.

* Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Introdução

Onde está o humano? Tal pergunta, diante do cotidiano assombrar-se das ações dos homens, torna-se um questionamento ingênuo, afirmando a liberdade de cada um em conseguir aquilo que o interessa? Liberdade que se mostra como incessante conquista e luta-interessamento? Ou, justamente, traz à tona a reflexão acerca do sentido do humano, uma orientação que não seja ato de violência e, menos ainda, indiferença? Eis a questão.

Todavia, essa mesma questão não surge apenas do choque diário com as catástrofes que proliferam diante de nossos olhos. Catástrofes estas que não se concretizaram apenas nos campos de concentração, mas que permanecem e se multiplicam em diferentes formas, seja a guerra ou a fome, que assolam a humanidade. Tais flagelos são os sintomas de um ponto que explicita o caminho mesmo que a filosofia tomou no decorrer de sua história, ou seja, o esquecimento dos vencidos, dos pobres e oprimidos – esquecimento de outrem. Mas, qual foi a busca da filosofia e sua caminhada?

Os Caminhos da Filosofia

Para Levinas (1906 - 1995),¹ a Filosofia, assim como, as Ciências podem caracterizar-se pela busca da verdade, todavia, mesmo sendo uma caracterização ampla e, de início, vazia, esta busca pode tomar dois caminhos, isto é, “[...] ela permite distinguir duas vias em que o espírito filosófico se compromete e que esclarecem a sua fisionomia.” (LEVINAS, 1957, p. 201).

O primeiro caminho é aquele em que a verdade está estreitamente ligada à experiência. Aquele que pensa mantém na verdade uma relação com aquilo que é distinto dele, ou seja, uma relação com o “absolutamente outro”. A relação aqui assume o significado mesmo da palavra experiência, pois, nos coloca em contato com uma realidade que está além de nossa natureza. Assim, verdade implica uma relação

com a exterioridade, com a transcendência, com o estranho. A filosofia voltar-se-ia, desta maneira, para o absolutamente diferente, ou seja, a própria heteronomia. (LEVINAS, 1957, p. 201-202).

Contudo, verdade significa também a investigação livre por parte do ser pensante onde este não encontra qualquer restrição enquanto liberdade de investigação. Essa liberdade é, de certo modo, o próprio exercício de negação do outro, um não alienar-se em seu movimento, pois, o contato com uma realidade outra não impede sua marcha: a integra no próprio movimento do pensar. Destarte, a busca da verdade como exercício da liberdade pode ser entendido como a marcha da autonomia, caminhada do mesmo.

A filosofia não seria outra coisa senão essa caminhada de apropriação do ser pelo homem no decorrer da história. Para Levinas, “[...] vista por este prisma, a filosofia empenhar-se-ia em reduzir ao mesmo tudo aquilo que se opõe a ela como outro.” (LEVINAS, 1957, p. 202). Dito isso, pode-se compreender que subjacente a esta concepção filosófica encontra-se um movimento latente de neutralização da diferença vislumbrada não apenas em casos pontuais na história da filosofia, mas sim como um esforço de todo o empreendimento filosófico que se iniciou na Grécia e encontra ainda ecos na filosofia contemporânea.²

Segundo Souza (2000, p. 190):

No início, não é o verbo Ser, mas os desencontros que o verbo Ser tenta de algum modo identificar. Se ‘isso’ fosse desde sempre apenas ‘isso’ - {X=X} - , não teríamos provavelmente filosofia alguma, pois a tautologia perfeita desaparece em si mesma inclusive enquanto problema; mas é porque ‘isso’ é também ‘aquilo’, ou não é somente ‘isso’, ou deve ser ‘aquilo’, ou pode ser compreendido de outra forma, ou se constitui em instância de uma síntese maior - {X não é Y} – que o pensamento cognoscente se põe em marcha em seu processo essencial-

¹ Para uma leitura sintetizada dos principais pontos da filosofia de Levinas Cf. Pivatto, 1999; Souza, 1999; 2002; 2004.

² “A história da Ontologia é, segundo Levinas, a história do desdobramento livre e absoluto do Ser; Ser é liberdade; ‘ser infinitamente livre’, poder livre, auto-afirmação, neutralização da própria Alteridade do Outro como tal. Dessa forma, a tradição da filosofia ocidental, onde se dá a glorificação do mesmo no Ser e onde acontece desde Parmênides o eterno retorno da totalização do sentido de ser no Ser mesmo – Ontologia [...]” SOUZA, 1999, p. 22.

mente identificante – de forma que, ao fim e ao cabo, ‘isso’ se encontra, ainda que na órbita fechada de uma racionalidade particular, consigo mesmo.

A descrição desse projeto de Filosofia objetiva o reequacionamento radical da questão do humano, ou seja, de um eu que se mantém como identificação, como singularidade, no diverso. (LEVINAS, 1957, p. 202). Mesmo com todos os obstáculos que, porventura, surgem na história do eu, ele é sempre o mesmo. Os diversos acontecimentos que surgem no decorrer da história, ele os transforma na sua história.

O mesmo acumula conteúdos diversos – afetivos, históricos –, mas a sua identidade continua a mesma, ou seja, o mesmo figura como camadas pintadas no decorrer do tempo, contudo, um núcleo duro perdura como liberdade de atuação, autonomia.³ “A conquista do ser pelo homem através da história – eis a fórmula que resume a liberdade, a autonomia, a redução do Outro ao Mesmo.” (LEVINAS, 1957, p. 202).

Mas, como se pode compreender o termo liberdade? Utilizemos uma definição clássica:

Por *liberdade* entende-se, conforme a significação própria da palavra, a ausência de impedimentos externos, impedimentos que muitas vezes tiram parte do poder que cada um tem de fazer o que quer [...] (HOBBS, 1979, p. 78).

Nesse sentido, o conceito de liberdade se aproxima da expressão spinoziana *conatus essendi* que pode ser interpretada como o esforço de preservar o próprio ser e nele perseverar. Pode-se, então, destacar dois sentidos que acompanham esta expressão. O primeiro refere-se à idéia de esforço, força que vai e se expande e que, por ser natural, é considerada como inquestionável e justificada em seu modo de operar. O segundo sentido refere-se ao “seu”, ou seja, aponta para o interessamento e, deste modo, para o egoísmo. Há, nesse sentido, uma

teleologia que aponta intrinsecamente para o interesse próprio, entendido como esforço de perseverar no ser, no “seu” ser. Todos os conflitos, a partir daí, são naturalizados e justificados como luta pela preservação de seu “espaço” contra o “espaço” de ser do outro humano. (PIVATTO, 2006, p. 120-121). Questiona-se não apenas a presença deste outro homem, mas, mais ainda, questiona-se o direito de sua existência.

Dito isso, Levinas lança a questão da escolha da filosofia, ou seja, que esta pendeu, na maior parte de seu percurso, para a defesa da liberdade do auto-exercício espontâneo e, conseqüentemente, para a defesa concreta do mesmo, defesa essa na qual empenha o melhor de suas forças racionais.⁴ Proclama-se, assim, a anterioridade da autonomia em detrimento da mera idéia da heteronomia: a “violência” e a apropriação estariam justificadas.⁵

Destaque-se, todavia, que este questionamento não indica que Levinas pretende retirar o conceito de liberdade das suas considerações filosóficas – como bem o prova o desenvolvimento da categoria de “liberdade investida” na obra levinasiana –; sua pretensão é apontar os perigos que este termo carrega consigo, quando interpretado como apropriação, posse, conquista, interesse, afirmação de um eu preocupado apenas com seu ser – “dem es in seinem Sein um dieses Sein selbst geht”.

Surge de imediato um momento histórico em que esta imagem fica mais aguda: o surgimento do hitlerismo. Não se trata apenas de expor o racismo inerente a este movimento, mas de explicitar que, em seu novo conceito de homem, o pensamento e a verdade são fundados numa sociedade que tem como alicerce a consanguinidade e que busca a universalidade não mais na propagação de idéias, mas sim na expansão, na força, na conquista, na luta, criando um mundo de senhores e escravos (LEVINAS, 1997). O surgimento de uma ordem ou de um grupo social que vai de encontro a essa

³ De um modo geral, pode-se destacar três aspectos que explicitam esse processo de neutralização: “A dualidade original ser/não ser, a ‘espacialização’ da temporalidade e a objetificação intelectual-neutralizante do dado que é alvo das energias filosóficas, ou seja, do que se apresenta como real ao intelecto cognoscente.” Cf. Souza, (2000, p. 193).

⁴ “A obra da razão, neste sentido, produz racionalizações e justificações no interessamento do próprio ser. Objetividade, imparcialidade, autotranscendência, conceitos puros nada mais são que estratégias da racionalidade para justificar o interessamento do eu que, no afã de perseverar no seu ser e avantajá-lo, recorre a mil formas de ardis travestidos de coerência, lógica e universalidade”. Cf. PIVATTO, 2006, p. 121.

⁵ “Tal regime pode tornar-se fonte de inumanidade e arbitrariedade e poderá estar aí a chave de compreensão dos pressupostos que determinam a civilização ocidental de propriedade, de exploração, de tirania política, de guerra e de preservação de privilégios”. (PIVATTO, 1999, p. 337).

doutrina, que mancha a pureza da verdade, que distorce os planos da razão, que suja as ruas com sua presença, está fadado à violência e à indiferença.⁶

Ou ainda, são grupos aceitos mais pelo signo da tolerância do que pelo respeito sincero e concreto da diversidade, ou melhor, da alteridade. A tolerância, algo defendido geralmente por todos, pode transmutar-se em indiferença concreta diante do sofrimento do outro ser humano, pois, ao lado da tolerância caminha a consciência tranqüila que não se sente mais interpelada pelo sofrimento de outrem, como se ela não tivesse nada a ver com isso, sendo a consciência tranqüila a prova de uma inocência diante dos problemas do mundo.

Conclusão

Tenta-se construir ao longo de nosso texto toda uma problemática em torno da caminhada da filosofia como redução do outro ao mesmo. Todavia, essa questão não surge de modo vazio, pelo contrário, parece-nos central essa denúncia da tradição filosófica ocidental, como defesa da autonomia e da liberdade, por parte de Levinas. Nesse sentido, a presente pesquisa toca em algumas questões urgentes de nossa contemporaneidade, ou seja, discutir a partir da obra de Levinas o que é “o sentido da violência.” Este é um tema não muito trabalhado e que requer estudos que possam ajudar a pensar filosoficamente nossa cultura da violência, algo central em sua obra e que parece remeter ao contexto nazista da segunda guerra, pois, na verdade temos um grande embasamento filosófico sobre o que constitui o cerne da violência como negação do outro.

Isso significa, então, que não há espaço para a heteronomia? A diferença sempre será subsumida? Não existe um ente em especial que aponta para o movimento injusto e arbitrário da liberdade e da autonomia? Esses são temas a serem apresentados em outro momento.

Referências Bibliográficas

HITLER, Adolf. *Minha luta*. Tradução de Klaus Von Puschén. São Paulo: Centauro, 2001.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 78. (Coleção Os Pensadores),

LEVINAS, Emmanuel. A filosofia e a idéia de infinito [1957]. In: _____. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Tradução portuguesa por Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1949. (Coleção Pensamento e Filosofia).

_____. A filosofia e a idéia de infinito [1957]. In: *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Tradução portuguesa por de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1949, Coleção Pensamento e Filosofia.

_____. *Quelques réflexions sur la philosophie de l'hittérisme*. Paris: Rivages, 1997.

PIVATTO, Pergentino. A ética de Lévinas e o sentido do humano – Crítica à ética ocidental e seus pressupostos. *Veritas*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 325-363, jun. 1999.

_____. A questão do humano e do *animal rationale*. *Veritas*, Porto Alegre, v. 51, n. 2, jun. 2006.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, ética e história: Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Filosofia: 92).

_____. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. Levinas e a razão ética. In: _____. *Razões plurais: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Coleção Filosofia: 169).

⁶ “Contra o privilégio eterno do poder e da força do indivíduo levanta o poder das massas e o pêso-morto do número. Nega o valor do indivíduo, combate a importância das nacionalidades e das raças, anulando assim na humanidade a razão de sua existência e de sua cultura. Por esta maneira de encarar o universo, conduziria a humanidade a abandonar qualquer noção de ordem [...]. Por isso, acredito agora que ajo de acôrdo com as prescrições do Criador-Onipotente. Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus.” (HITLER, 2001).